

**QUINTA-FEIRA**  
Lisboa -- 27 de Janeiro - 1927

**5 TOSTÕES**



sempre **38**  
**fixe** semanário  
humorístico

Propriedade  
**RENASCENÇA GRAFICA**  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR  
**PEDRO BORDALLO**

Administração  
**REDACÇÃO E OFICINAS**  
TEL. T. 195  
RUA DA ROSA, 57

# Os financeiros de meza de café



## Na Brazileira do Chiado

Entre um café e um biscoito  
discutia-se o montante  
no ano «sessenta e oito»  
da divida flutuante

Traçou-se um cir'clo na meza  
e disse um — querem que prove  
que ela foi inda mais têsã  
no ano de «oitenta e nove» ?

Tu estás a falar de cór.  
—outro circulo e, vai depois  
disse o outro — foi maior  
em «novecentos e dois».

E, assim, sempre riscando  
as datas com feroz sanha  
foi-se a meza transformando  
como a teia duma aranha.

E com a astuta franqueza  
vem o «João Franco», sorri  
e diz — se não chega a meza  
eu trago outra p'r'aquí ...

TELE  
405



## Os ditos da semana



Ha uma boa semana a nossa correspondencia, que é sempre ligeira — nem lacturas de artigos a credito, nem inflamadas rogatorias antorasas — foi enriquecida por uma linda carta, escrupulosamente escrita á maquina pelo sr. Carlos de Oliveira. Não conhecem? Pois nós apresentamos. O sr. Carlos de Oliveira é um cabeleireiro muito distinto que, por vezes, troca a tesoura pela pena, perpetrando delitos literarios duma certa gravidade. O ultimo foi um livro, que se intitula *As martires do cabelo comprido*, novela que o autor diz ser humoristica, mas que já fez chorar copiosamente uma duzia, das oito ou nove duzias de freguezas que lhe frequentam o estabelecimento. Queixa-se o sr. Carlos de Oliveira do *Sempre Fixe*, em termos tão dignos que, muito embora não os possamos publicar, devido á extensão dos mesmos, merecem uma resposta, que procuraremos tornar agradável, como uma das muitas essencias que perfumam o *mister* do illustre artista cabeleireiro e do não menos illustre escritor passional. O que lhe fez o *Sempre Fixe*, meu caro Carlos de Oliveira, — já o vamos tratando assim devido á antiguidade platonica das nossas cordeais relações? Um pequeno eco, nesta mesma pagina, onde com termos tecnicos da profissão, de que o autor das *Martires do cabelo comprido* é um dos melhores ornamentos — ele que é um carrasco dos ornamentos capilares das senhoras — um pequeno eco, diziamos, em que o livro, mesmo sem ser lido, era ligeiramente lavado com *lixivia* de espirito. Carlos de Oliveira respondeu-nos com uma certa amargura. Mas não foi amavel. Castigou-nos com o envio da sua obra. Lemo-la dum folego. Chorámos bastante. Ha um adulterio, motivado por um marido que não deixa a esposa cortar os cabelos á *Garçonne*; depois uma fuga, não sabemos se da mesma esposa ou de outra igual, com um cavalheiro que a leva para fóra de portas e depois a abandona, deixando-lhe em cima da mesa de cabeceira uma carta de alforria, declarando que fez tudo por ela: cortou-lhe os cabelos. Este corte implica a rutura dum aneurisma ao papá da dita ou da sobredita *garçonne* e um final bernsteiano, em que a *cocaina* adormece de vez o leitor... Claro que o sr. Carlos de Oliveira tinha razões para se insurgir contra todos os

maridos que não permitem que as respectivas caras metades, mesmo que tenham uma cara retrospectiva, se losquem com a devida regularidade mensal, prejudicando-lhe assim o negocio. E tem ainda o sr. Carlos de Oliveira razão quando diz que a sua novela é humoristica, embora ele a tivesse feito com terrivel inspiração tragica. Basta ler o prefacio, que é um apêlo á ignorancia do leitor, — ou se quizerem pô-lo um lindo chinó para os calvos de intelecto.

Analizado o livro, vamos á carta. Na carta o sr. Carlos de Oliveira diz que nunca viu criticar quem se não conhece. E' o seu caso e o nosso. Como decerto ele acumula as funções de cabeleireiro elegante com as de barbeiro, entrámos na escanhoadela.

— Sr. Oliveira, faça favor de se sentar. Agua quente? Bem quente?

Não temos culpa do sr. Oliveira ser tão illustre que o ignoremos. Ha tantos escritores em Portugal, que quando aparece mais um não ha possibilidade de o sepultar — não é o caso do prosador em questão... — no bahu da memoria.

— A navalha incomoda?

Continuemos então: Refere-se depois o sr. Oliveira ao seu martiriologio politico, com alguns traços de biografia literaria. Sim, tem razão! Camões não devia estar no largo do mesmo nome. Quem devia lá estar era o sr. Oliveira. Clamai trombetas de fama, que a gloria dos *Lusiadas* é já por terra, e que um Carlos mais alto se levanta.

— A navalha incomoda?... Um lenho? Ah! não é nada!... Um pouco de cauterio e passa já!

Passa — porque vamos acabar. Foi o sr. Oliveira quem pediu esta referencia ao livro, mesmo em estilo gracioso. Ele contava com a taboleta do réclamo. Ai a tem! E' o melhor que se pode arranjar. O seu livro vai, decerto, ficar na historia da literatura portuguesa. A Academia espera-o. O premio Nobel, também. Já estamos a ver a França, aclamando *monsieur Olivier* o maior escritor do seculo, ao lado de Victor Hugo e de Anatole.

Ha-de emigrar como emigram todas as glorias. Felizmente para si, meu carissimo Oliveira, não ha deportações literarias. Senão excomungar-

nos-ia, de longe, para onde fôsse e não fizesse dano, dizendo: — Ingrata patria, não me possuirás os ossos nem a tesoura!



Depois do terremoto de 1755, dos abalos sismicos, que frequentemente nos têm atirado de pernas para o ar, escavando o prato de sopa, quando estamos a jantar — surge a Camara Municipal. Lisboa não dorme. Lisboa está anciosa, já não se pode ter em pé. Rua que ainda o esteja, fica logo de cócoras, quando a vereação reúne. Um largo já não pode ser largo, nem redondo: tem que ser quadrado. Uma rua, também não. Ou é praça — ou morre. A cidade apresenta-se agora com um ar tristonho. Espera todos os dias um cataclismo. Os Restauradores estão sendo restaurados. Naturalmente, aquilo não ficou perfeito em 1640...

Valha-nos D. João IV! O Rocio já de si amplo, como qualquer fortuna eloquente da Associação Comercial, onde o patriotismo e a honestidade é duma banda só, mesmo sem açúcar — vai ser alargado em corredor. O Martinho, expropriado por utilidade publica, transforma-se em tunel e o tunel em passarele.

Tudo isto vai ter á rua do Jardim do Regedor — que fica sem regedoria, já se está a ver.

Mas isto ainda não é nada. A vereação vai cortar Lisboa em pedacinhos! Ai que é de arrepiar! Até lembra aquele caso funesto do cabo Moreno. E' uma dissecação a primor. Como cá não temos bons bisturis architectonicos, vem um de fora. Compreende-se! Não custa nada ao homem. Como não é dos nossos... Lisboa cortadinha como carne para recheio! E' de estarrecer e não pedir mais. O que vai ser de nós? Qualquer dia acordamos com a Graça na Boa Vista, Algés no Rocio, o Castelo na Penha, e tudo mais subvertidinho, como se fôsse o juizo final...

E era bem bom que ele viesse. Tanta falta nos faz! O que estamos fazendo sem ele...

Asneiras? Qual! Planos de remodelar Lisboa. Se isto assim continua, daqui a anos podemos colocar no Terreiro do Paço, que então já não é: *Aqui começava Lisboa, velha cidade que desapareceu, destruida por violentas erupções conceptivas, de caracter assás desconhecido.*

## A C. P. em fóco



**DR. RUY ULRICH**

O verdadeiro patriarca dos caminhos de ferro

# HUMORISMO NO ESTRANGEIRO



—Contrataram-me para entrar num «filme» da batalha de Waterloo.  
—Sim? E que papel fazes? O de Blücher ou o de Wellington?  
—Nada disso! Faço um morto.



Dois «Citroën» vendo passar uma «Renault».



O cumulo da boa educação: cumprimentar os manequins de cera expostos nas montras.



—Qué baabaque de homem! Parece que nunca viu uma mulher!

## IMAGENS NO «ECRAN»

# Dekobro-mania

## Critica "au ralenti,"

—Já lêste «Mon coeur au ralenti»?

—Não, mas li «La madona des Sleeping's», responde a outra, continuando o diálogo no estilo do Olendorff.

—Então tens que ler tambem «La Gondole aux chimères», remata a primeira histórica com os olhos em «alvaros».

Os livros do sr. Dekobra são em série, como o Rocambole. Chega-se ao fim, adivinhando que são necessários mais dez francos para saber o que acontece aos protagonistas no romance seguinte; «la suite au prochain numero», como nos folhetins franceses e nos fascículos aos domicílios, em que o distribuidor informa os leitores curiosos da continuação: «na próxima semana cá trago a resposta».

Para poupar «francos» e tempo aos leitores do *Sempre Fixe*, vamos fornecer um rápido e total «compre-rendu» dos três célebres romances que estão de moda.

Um francês arruinado emigra para a América e encontra num «bar» um agente do «Fascio», que o transforma em príncipe, afim de o casar com a viúva do Rei das máquinas de costura e dar parte da sua colossal fortuna para a propagação das doutrinas salvadoras do «Duce». Realmente a viúva cai na rede e o falso príncipe, após a ameaça de «chantage» de outro grupo que pretendia explorar a mesma «mina», consegue ver confirmado o seu principado, por legado do autêntico príncipe, e fica na posse da massaroca.

Mas a filha da «primeira cama» do Rei das máquinas de costura, ao sentir-se espoliada pelo matrimónio da madrasta, prepara, de combinação com a mãe, que foi adúltera e é então artista de circo, uma armadilha ao príncipe.

Este «come» que a pequena abandonará o vicio do ópio se ele aceder a paixão subita que a joven sente por ele. E, para a salvar, vai com ela para um hotel, onde lhe aparece a policia, antes mesmo dele consumir a «salvação».

Dá-se o conseqüente escandalo; gemem os jornais e a princeza com sorte corre com a sorte ao príncipe, assim deponado e abandonado.

Nesta altura acaba o «Mon coeur au ralenti» e o leitor larga mais dez francos para comprar «La madona des sleeping's» se quer saber a continuação.

Esta recomeça na altura em que o príncipe responde ao anuncio duma

«lady» que quer um secretário com reacção de «Salvarsamm».

A «lady», que é muito ladina e já teve numerosos amantes, arma um grande sarilho em que o seu novo secretário tem que se defrontar com um delegado dos «soviets» e com a sua ferroz «delegada», afim da princeza disfrutar o petróleo dumas minas que o defunto «lord» tem na Russia.

Preparado o matrimónio da ladina com o delegado de Lênine, parte o secretário para a Russia afim de ultimar o negócio do petróleo, mas a «delegada», abandonada, ferra com ele nas masmórras soviéticas, onde o secretário encontraria a morte se a ex-viúva do Rei das máquinas de costura não viesse num barco de recreio para o salvar, voltando a recrear-se com o amor do príncipe, secretário perdoado e novamente amado.

Aqui se torna a correr o pano, ou seja a ultima folha do volume, sendo, portanto, necessário, largar mais dez francos para o «La gondole aux chimères», onde a «lady» segue amando.

Sendo seu proprietário um americano exótico, sofre a «lady» o choque amoroso dum italiano com quem se choça nos canais de Veneza, ela em gondola e ele num gazolina modernista.

Ora o italiano trata de se vingar do um inglez que fez coisas feias á irmã, e cujo inglez tambem fez as mesmas coisas á própria «lady». Esta, a coberto do passaporte britânico, parte em «tournée» de sacrificio amoroso para a possessão ingleza, onde o tal inglez está como chefe omnipotente.

E como o italiano seja «engaiolado», por ter feito descarrilar um comboio inglez, vê-se a «lady» obrigada a matar o chefe inglez para salvar o italiano, que afinal é fuzilado sem apelo nem agravo.

A «lady» fica viúva e ontra para um convento.

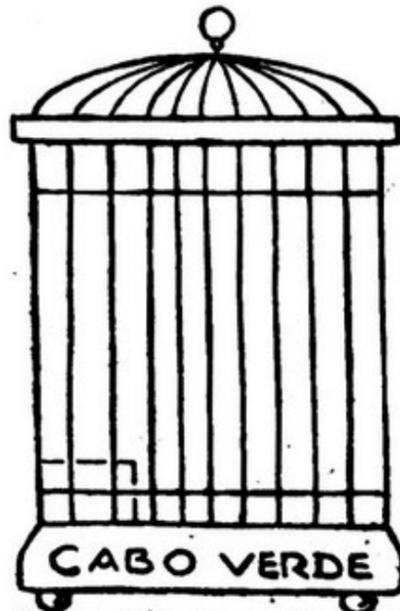
Supõe o leitor ingénuo que a coisa fica por aqui, mas há um padre espanhol que a convence ser vantado do morto que ela gose as delicias do mundo.

E, naturalmente, surge no horizonte a ameaça de mais um livro do sr. Dekobra, para sabermos o que aconteceu á princeza.

Por agora têm os leitores do *Sempre Fixe* a receita para poderem falar do sr. Dekobra, sem perderem tempo na leitura e economizando três vezes dez francos, ou sejam trinta francos, o que, francamente, não deixa de ser util e agradável.

PEREZ LACHAISE

## «Liberdade! Liberdade! Quem a tem chama-lhe sua,,



Querem «engaiolar», o pintasil...va que bateu as azas? Nada mais facil: é só aproximar o desenho dos olhos e dizer—Já cá «cantal»,

# HUMORISMO NO ESTRANGEIRO



A cartomante:—Vêjo que uma mulher segue por toda a parte o marido.  
A cliente:—Isso é que não pode ser de V. Ex.  
Ele é aviador!



—Não tenho ideia de termos sido condiscipulos; mas já que tem fome, tome lá dois francos para um caldo.  
—Só dois francos?... Oito me custa o «taxi» que tenho ali á porta.



—Ouves alguma coisa?  
—Oíço. Metado sermão, metado tango...



—Os meus admiradores dizem que tenho umas lindas pernas. Parece-me que vou subir mais a saia.

# TEATRO

«RETROZ PRETO...»

A MADAME VERA SERGINE

Madame:  
—Mon salut  
à la femme  
qui m'a emé  
comme comédienno  
sur la scène  
tant de fois,  
mais permettez-moi  
une question  
malgré l'indiscrétion—  
—On m'a dit que vous avez eu une  
«panne»  
à la douane  
et je me demande:—  
—Ont ils crú Madama à faire du  
contrebande?!!!...  
Oh! les ordres militaires  
ne sont pas vulgaires  
ni usobés  
Ils vous ont «plombé» les belles ro-  
bes!!!  
Pour cette méfianco  
à une Reine de l'Art et de l'Elegance  
je proteste  
en ce qui reste  
ici  
écrit  
En attendant, le soir,  
je ne manquerais à vous entendre et  
voir,  
embaumé par votre esprit qui sent la  
fleur,  
Votre admirateur

JOSEPH BARBOSE...

Alcunhas de vários artistas, pelo  
nome das peças que têm interpreta-  
do. O leitor dirá se elas assentam ou  
não como uma luva na epiderme di-  
gital dos alcunhados:

Amélia Rey Colaço—*A Cristalina*.  
Lucília Simões—*O Regresso*.  
Robles Monteiro—*D. Cesar de Ba-  
zan*.  
Antónia Mendes — *A Pérola Ne-  
gra*.  
Gil Ferreira—*O Amigo de Peni-  
che*.  
Soma e segue, no próximo numero.

O Nacional, na próxima semana  
dá-nos uma comédia espanhola, com  
o titulo o *Maluco das Avenidas No-  
vas*.  
Intérprete principal: Alves da  
Cunha. *Adresse* do mesmo: Avenidas  
novas, Lisboa.

A revista *Sempre Fixe* mudou-se do  
Maria Vitória para o Eden. Questão  
de tamanho. Como já estava cresci-  
dinha, não quiz ficar numa caixa de  
bonecas... Não há que vê: botou cor-  
po. A «réprise» foi há dias. O Eden  
estava cheio. Não faltaram aplausos.  
Tudo bem, graças a Deus. Que seja  
por muito tempo.

Os colaboradores José Climaco e An-  
tônio de Macedo, depois de terem  
colaborado em várias revistas de su-  
cesso, vão escrever de colaboração um  
drama que se intitulará *O dinheiro é  
sangue*.



## A TENTACÃO duma boa companhia franceza



LINA DEMOEL  
UMA "ESTRELA" QUE REGRESSA

Lina Demoel, a simpática artista  
luso-brasileira, senhora de muito ta-  
lento artistico e com uma bagagem  
de criações que não precisa ser impor-  
tada no estrangeiro, regressa á  
pátria depois duma ausencia de cinco  
mezes.

O que ela fez no Brasil já se sabe.  
Cantou com a sua linda voz as *Rosas  
de Portugal*, e como ela é uma rosa  
cheia de frescura, de cor e de vida,  
não houve espectador que a não  
aplaudisse, nem jornal que a não elo-  
giasse. Além das *Rosas* desabrochou  
outras lindas flores de fantasia, de  
sonho e de encanto, transformando  
assim os palcos do Rio de Janeiro,  
S. Paulo e Santos, num magnifico e  
deslumbrante jardim de beleza.

Teve lindas festas e dizem-nos que  
ganhou muito dinheiro. Consagra-  
ções tambem não lhe faltaram. Em-  
fim, um verdadeiro triunfo pessoal  
que, podendo ter despertado muitas  
invejas, mais uma vez vem provar  
que as autenticas *estrelas* brilham em  
qualquer parte e podem ser vistas  
sem auxilio de lentes astronómicas.

O Politeama, brevemente, tem uma  
comédia nova. Tradução do *Homem  
das 5 horas*. Intitulado o *Sr. dr. e o  
seu marido*. Nada podemos dizer, se-  
não que é muito boa.

Mas quem é o marido do sr. dr.?  
Aqui é que está o segredo da peça  
e da interpretação. Consta, porém,  
que Hda Stichini anda a tirar o curso  
de advogado, para fazer a capricho o  
papel.

O S. Carlos não larga as mulheres.  
A peça de ostraia foi a *Mulher*, mas  
já se anuncia uma *Mulher selvagem*.  
A primeira tem tido poucos admi-  
radores. E a segunda? O publico  
dirá, se lhe quizer tomar o gosto.

Com a chegada da companhia Vera  
Sergine coincidiu o regresso a Lisboa  
do nosso querido amigo e critico de  
boa cêpa, sr. dr. Jorge de Faria.

Olhem que veio de Vila do Conde...  
Já é *Tentação* pelo teatro estrangei-  
ro...

Gastão Alves da Cunha vai fazer o  
*Aimer*, de Gerakly.  
Em que tempo?

A seguir a *Garçonne*, subirá á  
scena, na Trindade, *O jeune fillo-  
me*. O protagonista é desempenhado  
pelo actor Erico Braga.

Almeida Cruz comprou a peça  
francesa *Um filho de 3.ª classe*. A  
companhia declarou que se a peça  
fosse em «tournee» tinha de passar  
para a 1.ª classe.

O Homem das 5 horas

**CANÇÃO NACIONAL**

**Os fados dos bairros**

**O Fado da Baixa**

*E' um verdadeiro fado, na Baixa, entre a população o Zé Povinho apressado a fazer girar a manivela.*

Quando sóam quatro e meia nas salas dos ministérios acabaram-se os mistérios daquela grande colmeia. A rua Aurea fica cheia de gente que se esborracha nos passeios, 'té á fachada. —Uns entram p'ra consultorios outros saem de escritórios... E' um verdadeiro fado! ...

Há meninas co'as mããs, como fôsse um formigueiro, a massar o fiel caixeiro pedindo amostras de lãs. Há papos-sêcos galãs quais perdigueiros de raça que, no amor, assentam praça p'ra pescar um belo dote... por isso andam num virote na Baixa, entre a população.

Numa esquina do Rocio, quantas fôrmas tentadoras se desenhã nas senhoras quando o vento é de assobio!... —Faça chuva ou faça frio— Aparece um malerido, que sem estar açamado diz-lhes coisas inocentes e sem que lhe quebre os dentes o Zé Povinho apressado...

Tocam na rua os lazis a lancinante buzina e, em linha que não termina, giram carros da «Carrisa». Aquela força motriz, que ante es nossos olhos passa, move-se ao gesto que faça um policia sinaleiro... E' o progresso bréjeiro a fazer girar a manivela...

REPORTER B

**Elegancias brasileiras**



**Uma «melindrosa»**

**BRISTOL CLUB DANCING**

Jantar concerto das 19 ás 22 h.

**NOVELA DO "SEMPRE FIXE"**

**A invenção do Caminho de ferro de Cintura ou da Linha do Rio de Janeiro**

*Em tempos que já lá vão, isto é, há trinta anos, tenho uma ideia de ouvir contar, em Paris, de como nasceu o caminho de ferro de cintura. Puchando pela reminiscencia,*



*cou adequar a forma da invenção á nossa linha eléctrica do Rio de Janeiro que é, na verdade, uma especie de linha de cintura, ou, para melhor dizer, uma linha sem fim; daquelas onde os carros andam sempre á roda.*

Uma vez, passeava no Campo Grande, nas horas de ocio, um engenheiro misantropo, a quem Deus não fadou com um grande espirito inventivo, mas com muita vontade de vencer na vida.

Tornejando o lago, estava a observar umas rãs atrevidas que cochavam como se estivessem a trocar dele, quando, ao longe, divisou um enorme bando de patos que o guardador guiava, de cana em punho, atravessando



de uma rua para a outra lateral. Sentou-se o nosso homem num banco, não longe do lago.

Os patos aproximaram-se numa enorme gralhada que o divertia.

Passada aquela enorme «troupe» de patos, um deles ficou para traz e lembrou-se de ir chafurdar nas beiras do lago.

O nosso homem, que não perdeu um movimento do pato, reparou que ele, apanhando de surpresa uma das rãs, a engoliu mas que, de repente, a rã tornara a sair-lhe pelo lado oposto!!!

Viu tambem o pato voltar-se rapidamente e, estendendo o pescoço, tornar a engulir a rã e sentar-se.

—Boa partida, disse o nosso homem, pelo mesmo sitio já ela não sai!...

Nisto, o pato pareceu-lhe dar uma gargalhada de vitória e, ao abrir o bico, a rã safou-se, lépida, pelo mesmo sitio por onde tinha entrado, descrevendo uma curva de salto de trampolim.

Meia atordoadã, fugia, bambolean-do-se, quando o pato, que não tinha nada de tólo, caiu uma outra vez sobre ela, afiou o bico, apanhou-a e tornou a enguli-la:

—Estás arranjado, disse o engenheiro, rala-te. Ela foge-te outra vez!

Mas qual não foi a sua surpresa quando o pato, com o bico metido em determinado sitio, lhe fechou todas as saídas!...

—Que vêjo! disse o homem. Que raciocinio! Que animal tão esperto!

E, aproximando-se com cautela, viu perfeitamente um pequeno volume passar amiudadas vezes pelo pescoço, na mesma direcção, andando á volta,



como se quizesse encontrar uma saída. As voltas foram-se tornando mais lentas até que a rã não tornou a passar...

E o pato, voltando á fôrma habitual, lá foi palmilhando e esvoaçando triunfante para junto dos companheiros...

No dia seguinte o engenheiro observador traçava no seu gabinete de trabalho o projecto circulatório da linha eléctrica do Rio de Janeiro, cujos carros, como vocencias sabem, nunca deixam de andar á roda.

E foi assim que um pato sugeriu tão util projecto, apesar daquela demorada «paragem de S. Mamede, que



pelas pneumonias que distribue, já tem dado cabo de muito passageiro.

**Jesé Barbosa**

**Bric-á-Brac**

**O Antonio Maria**

Lendo aquella informação, Co'o prazer que todos lêmos, Que o Bordalo, e com razão, Vai ter a consagração Do busto que lhe devemos, D'sfarçando o seu sentir Já muito diria P'ra quem o quizesse ouvir, Que a nação estava a pedir O grande Antonio Maria. Meu respeito é tanto e é tal Por esse enorme Bordalo, Que embora o saiba imortal Tinha um prazer colossal Em poder ressuscitá-lo. Faltam aos casos do dia As cócegas d'essa pluma Duma tão fina ironia... —Quanto ao Antonio Maria, Não faz cá falta nenhuma!...

**A Moda**

Noticias veiu informar — Que a Moda tão caprichosa Vai em breve decretar —Que os homens passem a andar Vestidos de côr de rosa. Se esta Lisboa casquilha Segue a moda escandalosa E os seus dictames perfilha, O que será o Sevilla Vestido de côr de rosa!...

JOAO FERNANDES

**BOM HUMOR**

Dialogo entre dois porcos: —Porque ficas triste quando vês uma galinha? —Ora, porquê. Penso logo nas omelettes com presunto.

\*\*\*

—O John pretende substituir o anão cá do circo. —Não me admira! Ele teve sempre a mania das grandezas.

\*\*\*

—Posso-lhe emprestar o dinheiro por 30 dias pagando-me quarenta por cento. —No ultimo inverno levou-me trinta. —E' que estamos no verão e os dias são maiores.

\*\*\*

—Porque me bates, papá? —Porque amanhã fazes exame e eu não estarei em casa quando chegares com a reprovação.

\*\*\*

—E' caro. Na montra anuncia camisas desde dez escudos. —E' verdade, mas as de adesso acabaram-se.

\*\*\*

—Porque roubou esta carteira? —Porque julguei que tinha dinheiro dentro.

\*\*\*

—Quando digo «Sou formosa», que tempo é? —E' tempo passado.

## Ao fazer desta...

Meu querido Joaquim

Final de contas já conheço os patrões. Já sei qual é homem e qual é mulher. Foi por um acaso. Afinal o que pracia homem é que é mulher e vira o verso.

No domingo passado ia eu a entrar na casa de banho porque magiava que era a patroa que lá estava, quando ela começa a gritar do fundo do corredor:—Oh! Jóquina não entres que está lá o senhor. E então eu fiquei a porta e abri bem os olhos para ficar conhecendo a senhora. Ah! Jóquim, que casal mais bem apanhado. Aquilo está tudo às avessas. O patrão é que vai às compras e a senhora vai para o inscriatório. Diz que é doutora, dessas de leis que botam falas nos tribunais para prantar os criminosos em liberdade. Se calhar é por causa disso que o patrão não tem liberdade nenhuma, porque ele também não fez crime nenhum e então está sempre em casa. A patroa essa anda sempre na rua e quando está em casa não lhe chega o tempo para arreceber visitas; diz que são pessoas que tem demandas e a senhora é que lhe trata das coisas. A senhora não faz senão falar no direito, mas aquilo com certeza que não se entende com o patrão, porque ele é a coisa mais torta que há: é zanaça dum olho e tem uma perna mais curta que a outra. Eu nem sequer sei por onde é que a senhora lhe pegou. Ele usa o cabelo comprido e encaracolado por baixo da aba do chapéu, mas a senhora então é mais rapidinha que a palma da minha mão. Pernas, quem as amostra é a patroa, porque usa o vestido por cima do joelho e o patrão anda de calças compridas como tu.

A patroa fala grosso como a um polícia e o patrão é mesmo um menino de 12 anos a falar. Vê lá tu, Jóquim, se não era para eu me vêr á brocha para os disfreçar. Mas agora já não me escapam, porque o patrão tem um sinal por onde eu o conheço, na pontinha do nariz. É uma coisa tão pequena que dantes não tinha dado por ele. Só quando os patrões estão de costas é que me vejo atrapalhada, por não de que quando não vejo o sinal, lá pela banda de traz eles são tal o qual um cunha o outro, ambos redondinhos e anafados.

Quem manda tudo lá em casa é a patroa. O senhor só faz o que a senhora quer. Diz ela que se vê obrigada a ser assim para haver alguém lá em casa que mande. O patrão então quando a patroa o descompõe põe-se a dizer assim:

—Oh! gloria de mandar, oh! vã cubiça...

Diz ele que era o Caimões que dizia isto quando não podia aturar a mulher, que eu cá não sei se ele é casado é não, só sei que não tinha um olho e ao patrão não falta nenhum.

Ah! Jóquim, cando a gente se casar não ha-de ser assim. Ha-des ser só tu a mandar que bem sabes que eu cá me asujeito a tudo. E adeus, com esta não te infado mais que já ha-des estar aburrecido com tanta confusão de seichos. Arrecebo um beijo muito repuniceado da tua intê á morte.

Jóquina

**BRISTOL CLUB DANCING**  
O MAIS ELEGANTE

## AUTO-BIOGRAFIA

# UM HOMEM

que ha de nascer

daqui a alguns anos

Nasci num taxi, no momento em que ele parava á porta dum estabelecimento bancario, diante de uma montanha dourada de libras. Meu pai, que nesse tempo era professor de danças modernas, ficou muito arreliado com o caso. O meu retrato ao colo de minha mãe, apareceu em varios «magazines», e até fez furor numa pequena cinematografica, e isso tornou muito a sua carreira. O meu aparecimento publico, desprestigiou-me a casa e teve que voltar a ajudar meu avô, no modesto lugar de maçagista num consultorio de orientação psicologica, e á noite folhear revistas estrangeiras para aprender a necessaria tecnologia para redigir horoscopos.

Meu avô materno, a quem devo talvez o talento que me veio a consagrar como desenhador de figurinos, era um musico notavel, mas cocainomano, e que se viu na necessidade de pintar a cara de negro para passar por preto e ganhar a sua vida tocando trombone num «jazz-band». Creio que é a tara do «jazz-band» que impera em toda a minha linha psicologica, porque minha mãe, excelente mecanica de automovel, tida no seu tempo como uma magnifica volante, não descançou enquanto não alcançou o seu *brevet* de aviadora, só para fazer acobracias aerreas.

\* \* \*

Num destes bailados conheceu a morte, tinha eu a idade de 8 anos. Como gostava muito de fazer caretas e andar aos pulos, meu avô, que era um excelente psicologo, arranhou-me colocação para desempenhar o papel de pequenino gatuno numa grande empresa de *films*.

Uma senhora que desempenhava com muito sucesso o papel de avô, gostou muito do meu feitio de garoto e adoptou-me, saindo da empresa, para recolher ao silencio do lar, comigo e com um cão, que também era personagem, por sinal bastante fotogenico.

A minha vida com esta senhora e o cão, é a pagina mais linda da minha existencia.

Esta boa senhora, que foi minha segunda mãe, ensinou-me a amar as

coisas mais simples. Passavamos muito tempo no campo, porque ela gostava de colleccionar azas de borboletas e creio que foi esta sua doce mania a causa da sua dedicacão por mim. Era extremamente delicada. O mais pequeno pormenor que lhe revelasse uma incorrecção, punha-a nervosa por muitos dias. Infelizmente um dia, doilhe um grande desgosto, e todo o encanto da nossa vida, junto do cão e atrás das borboletas, dissipou-se num inconsciente desastre promovido pela minha ignorancia das coisas do mundo.

As pessoas que fazem vida de campo, não deviam entrar numa casa da cidade, sem uma transição.

Tinha eu 13 anos. Era forte, os pulos, as correrias, tornaram-me elegante. Meu pai, um dia que me veio visitar, disse:

—Tu poderias dar um belo bailarino.

A boa senhora rallou com o meu pai, e chamou o cão para o pé de nós. E agora veio o desastre.

Meu pai falou muito de mim em casa de umas pessoas onde havia um sujeito que fazia versos. O filho desse sujeito queria também conhecer-me. Fomos todos a essa casa, e foi também a minha boa senhora. Nessa casa havia muitas meninas. Naturalmente comeci a brincar com elas, comeci por lhes oferecer flores. Gostava muito de as beijar, mas um dos irmãos é que procurava a todo o momento dar-me beijos e mostrar-me flores.

Um dia zanguiei-me. Não sei porque, houve naquela casa uma enorme zaragata por minha causa.

Só ouvi o meu pai dizer:

—O pequeno não parece desta época. Não está acostumado. Foi atirar-se ás raparigas.

E o meu avô rematava:—O pequeno é dos tempos do meu avô, onde se fazia uma educação muito atrasada. É o que faz estar no campo. Não pode sentir a civilização. É preciso tranê-lo para a cidade.

Chorei muito, com medo de me separarem de minha segunda mãe...

Foram as minhas primeiras lagrimas...

S. F.

## TRINDADE COELHO

Por premio duma rara habilidade devido ao seu saber original partiu «ministro» para o «Quirinal» este homem que bem vale uma «trindade»...

Eu faço votos que o talento fade em bem as relações de Portugal e que se entrar no «home» «arqui-papal», não saia sem vêr «Sua Santidade»...

Mas tentol... Que o não veja «Santo Huberto» que, em tempos, foi um caçador temido p'la nomeada do seu tiro certo...

Ministro: nunca passe distraído ante o altar do Santo... Seja esperto — Evite uma «chumbada» no apelido...

JOSÉ BARBOSA

## Em letra redonda

Um dia Moreira de Almeida, num dos seus formidáveis artigos, referia-se ao «Alfagome de Santarem».

Com espanto e uma indignação que não continha o riso, o grande jornalista viu, no dia seguinte, nas columnas de *O Dia*, «O alfazema de Santarem...»

\* \* \*

Outra vez, Eduardo Frías escreveu: «...amigo intimos...»

O tipógrafo compoz: «amigos intorinos...»

E passou.

\* \* \*

«Partiu para a Côte d'A'zur a sr.ª D. F...», escreveu um dia o infatigavel Vasconcelos e Sá, nas suas «Elogancias».

Compoz-se assim e apareceu em publico:

«Partiu para o Pote 'Agua a sr.ª D. F...»

\* \* \*

Um jornal da manhã trazia há dias:

«Esta estação conservar-se-há fechada nos dias *funebres* e seguintes aos feriados.»

!!!

\* \* \*

Carlos de Abreu, numa critica teatral, referindo-se a Amelia Rey Colaço

«Amelia Rey Colaço foi vaporosa...»

Apareceu assim composto: «Amelia Rey Colaço foi pavorosa...»

\* \* \*

Um nosso colega escreveu: «tonalidades de luz...»

Viu-se em letra redonda: banalidades de luz...»

\* \* \*

Alguem—pareco-me que Ferreira de Castro—para evitar as constantes quedas que se dão na Calçada da Glória, propunha que fôsem ali construidas umas escadas, «separadas do leito da calçada por um corrimão de ferro...»

Veiu assim á publicidade: «...separadas do leito da calçada por um corrimão de ferro...»

\* \* \*

Não são gralhas mas... podiam ser. Eis, sem uma alteraçao de virgula, duas correspondencias do *Primeiro* para um jornal da manhã:

«COIMBRA, 13—*Tentativa de suicidio*—Deu entrada no hospital da Universidade Jorge Pereira, de 23 anos, solteiro, da Croja, em virtude de tor dado um tiro de pistola na cabeça, pondo assim termo á existencia, pelo que se encontra em estado grave.—(C.)»

«MARCO DE CANAVEZES, 22—*Principiam amanhã as férias do Natal* o dia destinado á Família e Ano Bom motivo porque quem não é daqui vai para acolá, e quem é d'acolá vem para aqui, troca esta que dura apenas poucos dias.—(C.)»

\* \* \*

A fechar, uma troca de graneis, que deu este resultado:

«...O morto estava estendido na soleira da porta, a gosar 115 dias de licença.»

LUIZ FIGUEIRA

**BRISTOL CLUB DANCING**  
O UNICO SEMPRE EM FESTA



Os resultados dos desafios de domingo passado, tiveram o condão de definir situações. E o Vitória, ameaçado com ordem de despêjo do campeonato de Lisboa, pela criação dum Associação de Football no recém-nascido distrito de Setúbal — vingou-se, tomando deliberadamente a cabeça do pelotão.

Ao menos, se teimarem em recambiá-lo para a terra, sempre lhe restará a consolação de afirmar:

— Vocês não me querem cá, porque têm medo...

\* \* \*

Ainda: os desafios de domingo foram célebres pelos «scores» — que parecem ter sido tirados ao copiador...

Um aficionado footballista, de matemáticas fracas, estava ante-ontem, muitíssimo atrapalhado:

— Houve cinco clubs que marcaram três goals». Houve outros cinco que, «ipso facto», sofreram três «goals». Total: dez clubs. Não percebo como é que eles arranjam isto, havendo só oito a disputar o campeonato!

\* \* \*

Confirmou-se a notícia que o *Sempre Fixe* deu em primeira mão. A comissão administrativa do Sporting: suicidou-se.

Em letra redonda, o «Comité das Esquerdas» afirmou já, estar apto a governar — e deu uma lista dos dōzo nomes que o compõem.

Do lado contrário ninguém quer colaborar, por pouco que seja, com os «esquerdistas». E, até lhes fazem referências, muito menos que agradáveis.

Dizia, por exemplo, um «conservador», após a leitura dos nomes dos prováveis:

— Desta vez é que o Sporting inaugura uma secção de... alfaiataria...

\* \* \*

Ao descer do seu carro, um automobilista verifica que a lanterna de traz se apagou. Prepara-se para a reacender quando surge um agente do trânsito muito bem disposto a multá-lo.

— Mas, senhor guarda, a lanterna apagou-se agora mesmo; pouco antes de eu parar. Até, ainda está quente...

— É possível, mas o senhor devia ter dado por isso, imediatamente!

— Imediatamente!... É fácil de dizer! Eu não tenho nenhum olho no... trazeiro...

— Pois eu, tenho! — respondeu o agente.

O automobilista ficou mudo de admiração. Como isto se passou do noite — a falta de luz e umas calças de fazenda grossa impediram-no de verificar a exactidão da afirmativa.

Mas em todo o caso lembramos ao sr. Ferreira do Amaral que este agente-fenómeno poderia ser facilmente identificado, após um inquérito bastante sumário...

\* \* \*

A propósito duma definição que aqui demos do «cricket», escreve-nos um leitor sobre o «box», perguntando porquê, em jornais portugueses se diz constantemente que A deve pôr B «knock-out», em tantos «rounds» e sem receio do seu «infigting»...

Em resumo: — o leitor quer saber se não há palavras portuguesas para dizer estas coisas que tão herméticas devem parecer aos que não pertencem ás gerações desportivas? Sim. Há.

Mas se tirarmos a esse «jogo do mãos» os seus nomes ingleses, arriscamo-nos a convertê-lo, de novo, em: «jogo de vilões».

Ora veja a que fica reduzido um desses golpes, que com as suas

misteriosas sílabas «anglo-saxãs» tanto no seduz, depois de traduzido:

«Sóco directo ao figado — Há ocasião propícia para aplicar este sóco, sempre que o adversário dê um murro de lado, com a mão direita — deixando a descoberto toda essa parte do corpo. Convém colocar a mão direita à altura da cara, com a palma aberta, para evitar o possível ataque da esquerda do contendor e que deve seguir-se ao sóco de lado dado pela direita. É preciso esquivá-lo, baixando a cabeça, de maneira que o murro só nos atinja o ombro. Ao mesmo tempo que se inclina a cabeça, com a mão esquerda dá um sóco no figado.»

Que enorme diferença entre estas vulgaridades, que parecem dignas do carroceiros, — e o que nós imagiamos ao ouvir falar em «swings», em «uppercuts», em «hook», em «jab», em «chop», em «clinch»!...

Afinal o «jab» é um sóco directo; o «chop»: um sóco na cara; o «uppercut»: um sóco no queixo; o «hook»: um sóco lateral...

Mas tudo isto, envolto em névoas estrangeiras, revestido do prestígio do exótico — perde o tom de violenta animalidade, para adquirir uma auréola de aristocracia loura.

Na própria Inglaterra, onde não podem deixar de sentir o que tais pa-

lavras têm de vulgar, os praticantes do «desporto supremo» tratam de procurar paliativos ao seu realismo imediato, recordando-lhe as origens helénicas.

Se entre nós, o «snobismo» obriga a traduzir os murros em inglês, em Inglaterra, o «chico» é empregar palavras pregas em lugar das nacionais «crassa» e «corkscraw».

Nos «rings» de Londres figuram reproduções do atleta de Sorrento, com o «cesto» de pugilista — e da anfora do arconte Pitolelo com as suas secnas de luta.

E, ante os vestígios dum jogo que demonstra que os homens tiveram sempre os mesmos gostos e os mesmos instintos — os efeitos educados em Oxford ou em Cambridge, dissertam doutamente sobre o espiritualismo do «panacéon» praticado pelos marmoreos agonistas do estadio ateniense...

\* \* \*

Há outro leitor que escreve a perguntar se o nobre jogo da bisca pode ser considerado um desporto.

Sim, senhor! A bisca — quer seja a portuguesa, quer seja a sueca, quer seja a lambida — também é um desporto. Um desporto pacífico e sem perigo — muito mais recomendável, sob este ponto de vista que o «rugby» — um desporto verdadeiramente de pai de família... mas um desporto!

Com efeito, demanda: presença de espirito, rapidez de decisão, segurança de raciocínio e... um misterioso dom divinatório, apanágio das naturezas de «élite», que faz os homens de Estado e os grandes generais.

E a maior qualidade desse verdadeiro desporto de salão, é o exercício a que obriga as partes superiores do corpo. A posição do jogador, entusiasmado, pronto a lançar a carta sobre a meza, vale bem a atitude classica do discóbolo — e sem provocar tanta transpiração...

A bisca faz trabalhar os músculos dos braços e os músculos do tronco. O lançamento das cartas proporciona a distensão salutar dos bíceps e até dos músculos lombares e da bacia.

Quasi se torna inutil refutar a objecção classica e ridícula de que a bisca lambida predispõe á absorção de alcool!

É uma ineptia! Pelo contrário, está provadíssimo que a paixão do jogo impede qualquer absorção. É isto: porque o jogador é que é absorvido — absorvido pelas peripecias da partida!

## Rei sem trono



**BEMFICA** — Que diabo faz você por aqui tão «encarnado»...  
**SPORTING** — Cale-se... que fique «verde»... com a minha desgraça.

REGOLA-A-BOLA



— Como fabricas vinho do Porto se tens vinhas no Algarve?  
 — Não sabes que Lagos é um porto de mar.

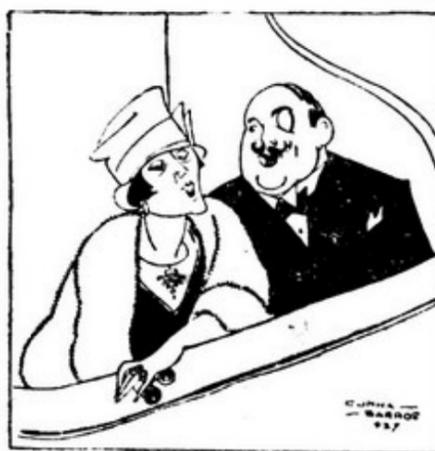


Com «opio», «cocaina» ou «pontopon»  
 que a vida intensifica do liel «neurone»,

Lucilia, assim vestida, é um «garçon»  
 que honra o desempenho da «Garçonde»



— Cada portuguez deve á inglaterra 27 libras.  
 — Como nós fazemos dividas sem dar por isso...



— Este Bach é formidavel! Ele ainda compõe?  
 — Ha dois séculos que está em «decomposição...»



— Não tem sal nenhum esta «Garçonnel»  
 — E nós a julgamos que lamos ver uma peça imoral!

## MISSA GAGUEJADA



— Dó... dó... dó... dóminus vó...  
 vó... bis... bis... biscum.



— Et... et... et... et... cum spi...  
 spi... spi... spiritu tuo,



— Tu... tu... tambem... és... és...  
 gago? Então te... temos mi...  
 missa até á... á... noite.